

ECOS

Eliane Ganem

Prólogo

Se não tivesse escorregado naquela casca de banana, não teria acordado. Andava como um sonâmbulo, jamais estando onde estava, se de puros pensamentos eram todos os seus atos. Mas não naquele instante. No momento em que escorregava sentiu o ar que veio dela. Olhou depois pra confirmar. Era bela. Muito bela, o rosto forte, traços magnificamente marcados como que talhados num fino mármore marrom. Parecia cigana ou indiana disfarçada em roupas ocidentais. Seguiu atrás. Desacelerou, deixou que ela passasse à frente. Mediu o perfil que passou rente ao seu corpo, o perfume acre que novamente o ar trouxe. Não era dado a paqueras ocasionais, por isso se mostrou distante.

Andaram quase lado a lado em direção à plataforma na estação do metrô do Largo do Machado. Parou ao seu lado. Quando o trem chegou, a porta abriu, e o embrulho que ela trazia despencou seco aos seus pés. Agachou como se agacham os homens nos comerciais, e lhe entregou o pacote.

- Olá!

- Oi!

- Como é seu nome?

- Kranty...

- Como??

- Kranty!

- Você é daonde?

- Sou brasileira. Meu nome é que é indiano. Mas pode me chamar de Ana.

- Oi, Ana! Eu sou Antônio Carlos. Mas pode me chamar de Tônico.

Os dois riram.

I

Antônio Carlos foi recebido no gabinete da promotoria. Acabava de tomar posse do seu novo cargo. Valeu a pena estudar tanto, o dinheiro que o pai tinha investido começava a fazer sentido. Iniciava a carreira quase do topo, ganhando dez vezes mais que qualquer brasileiro recém-formado. Tava orgulhoso. Esticava o queixo, uma espécie de cacoete compatível com a nova vida que assumia pra si mesmo. Gostou do primeiro dia. Era chamado de doutor pelos corredores. Uma delícia! Almoçou até com o comendador, que fez questão de lhe dar os parabéns na frente de todos. O pai orgulhoso dentro dele, ria e espremia os olhos de satisfação. Pena que a mãe tinha morrido a menos de um ano. Mas é como se estivesse viva nesse dia, rindo e aplaudindo com as pequenas mãos castigadas de detergente. Ah, como adorava os dois, se devia a eles tudo o que tinha. Se pudesse, morria por eles, mas não podia. Devia seguir a vida que lhe presenteava um início tão feliz.

A sala era magnífica. Apesar dos pesados móveis escuros e o velho arquivo de ferro azul, que jamais combinaria com nada. Mas como não era decorador, pouco se importou com esse detalhe. Se bem que algo o incomodava naquela sala, provavelmente este mesmo arquivo azul que displicentemente ali permanecia. Apenas a janela era deslumbrante demais para passar despercebida. O último andar escancarava uma paisagem amena do centro de Caxias. Olhava para além da janela o céu e se via menino ainda no meio-fio. Olhava o mesmo céu outrora, os colegas chamando pra empinar pipa, e o pai chegando do trabalho. Simples a casa onde moravam lá na Penha, a mãe no tanque lavando neste instante não mais as roupas antigas, mas as lembranças cada vez mais vivas, sem uma só gota de poeira ou esquecimento.

Devia sentar junto com mais três colegas, e discutir dali pra frente os crimes que ocorriam na Baixada. É claro que se dava conta dos percalços dessa nova vida, mas não completamente. Ainda havia dentro dele muita coisa daquele menino que Maria de Jesus acariciava nas noites de frio. Meu filho vai

ser doutor!, passava a mão por entre os fios dos seus cabelos e olhava pro marido. É, mãe, virei doutor! Tunico respondeu pra mãe do seu pensamento enquanto sorria pros novos companheiros que lhe davam boas-vindas. Sentou entre eles. O rosto feliz da noiva sentou com ele. Olhava pro sorriso de Patrícia e se deliciava com a satisfação de seus entes mais queridos. Se sentia realmente adulado, lisonjeado nesse primeiro dia. Era tudo novo demais, tão demais que não admitia confidências. Sequer havia tempo de se recolher no banheiro com ele mesmo para dar a si próprio um abraço forte e comovido. Mas, Patrícia rente à porta agora sorria. Sorriam também seu pai e sua mãe abraçados perto do vão da escada. Como se todos despedissem dele, como se tudo fosse passado. De repente o escritório onde antes trabalhava lhe pareceu subitamente velho na memória. Rememorava com uma certa surpresa as pernas cruzadas da Dona Adélia, a secretária amante do ex-patrão. Sentia um pouco de pena, não por ela, mas pela mulher do patrão, uma semi-surda que gostava dele. Não havia uma só vez que não fosse ao escritório sem lhe levar um bombom. Sabia que gostava de bombom desde o último Natal. Uma espécie de confidências sem palavras havia aproximado os dois. Era o que Tunico desejava, já que queria se aproximar do brilhante advogado, desfrutar da sua confiança, usufruir da sua intimidade. Naquela época nem pensava em mandar tudo às favas e se tornar promotor. Era um assistente mal remunerado, que pretendia galgar sem muito esforço o mesmo lugar do Dr. Arnaldo, o poderoso chefe da máfia legal. E mesmo correndo o risco de se transformar num personagem de novela, Tunico insistia em fofocar nos bastidores atrás de um lugar de destaque. Na verdade, era uma espécie de jovem brilhante de caráter duvidoso, que pretendia se projetar a qualquer custo, galgar as escadas do sucesso a passos largos, como havia lhe ensinado o pai.

De qualquer forma, nada parecia dar certo com ele naquela época. Depois da morte da mãe havia vagado sem direção, sem rumo, um bom tempo. Pela primeira vez na vida, alguma coisa dentro dele duvidava. Era importante o dinheiro, o sucesso, a fama, se tudo acabava em nada? Não que fosse a primeira morte de sua vida. Mas era a primeira oportunidade de reflexão. Foi então que o concurso apareceu. A oportunidade de se livrar dos mexericos que ele mesmo havia criado o fascinara então. Fez a prova, passou em segundo lugar. E agora estava ele ali a sorrir no final do expediente, já certo de ter

conquistado um lugar ao sol. Pegou sua pasta e se despediu de todos. Deveria passar em casa, tomar um banho, descansar. Depois pegava Patrícia e iam jantar na Barra. Mas o rosto de Ana veio pela primeira vez naquele dia para bem perto do seu próprio rosto. Depois veio o corpo, o perfume e o jeito de olhar.

II

Abriu a porta do carro e Patrícia entrou. Tinha um ar de anjo recém-caído, um jeito exageradamente puro que intrigava.

- Oi!

- Olá!

- E aí, como foi?

- Foi o quê? - Tônico ria.

- Ah, você sabe. Deixa de ser bobo.

- Fui despedido no primeiro dia! - fez cara de quem tá chorando.

- Deixa de ser chato. Conta! Tô louca pra saber!

- Deu tudo certo, sua boba! Agora sou promotor!

- Ôba! Tudo certo? Tudo bem?

- Claro! O que é que poderia ter saído errado? Sou concursado, ninguém me manda embora assim.

- Então vamos comemorar!

- O que você quer? Champagne?

- Champagne e fondue de carne!

- Acho que não combina! Mas em todo caso, vamos lá!

A voz de Patrícia tinha um quê de menina levada, falando sempre arrastado, sem completar o final de cada palavra precisamente. Um jeito de mostrar pra platéia, se é que platéia havia, o quanto tinha sido mimada, o que certamente lhe daria um status de menina rica. Mas Tônico gostava do seu jeito forçado de menina. Os dois se aconchegaram perto do terraço. Uma brisa calma cercava os sonhos que cercavam a mesa. O pedaço de um vestido de noiva, cetim e bordado, entrechocavam por detrás dos dois com os livros da central de inquérito. Pequeninos e rechonchudos filhotinhos sentavam no colo

de Patrícia como a reclamar vida. O casamento agora podia ser marcado. Quem sabe os dois se casavam antes do carnaval. Patrícia comia fondue e ria. Queria um marido e filhos. Nem pensava mais em trabalhar. Havia se formado em turismo, mas podia ser em engenharia que ia dar no mesmo. Na verdade, havia sido criada pro casamento, pra arrumar um bom partido e se mandar da casa da mãe, uma velha chata e bisbilhoteira. Por isso ainda era virgem. Bem, era virgem só pro Tônico, que não havia ido além do que o pai de Patrícia permitiria, caso ela tivesse pai. E ela fazia charme com isso: a última virgem do planeta, ria e brincava com as amigas. Mas o certo é que ninguém sabia que a ingênua e doce Patrícia já havia abortado - lá pelos idos dos seus dezesseis anos - com o dinheiro e ajuda da mãe de uma amiga. A partir daí ficou com pavor de engravidar. Por isso afastava Tônico decididamente como se fosse a mais pura das mortais. Tônico até gostava. Afinal a mãe sempre dizia que as melhores mulheres eram as mais recatadas. E como ela gostava de Patrícia! Até no leito de morte mandou chamar a menina e lhe deu um beijo de adeus. Mas de verdade mesmo foi nesse simples beijo de morte que o destino de Tônico se tornou repleto de Patrícia.

Naquela mesma noite encontrou o pai sentado no pequeno escritório da casa. Esperava por ele, tal a satisfação que brilhava nas bochechas gordas e reluzentes, naquele rosto exageradamente farto.

- Oi, pai!

- Olá, meu filho! Como estás? Como foi teu dia lá na repartição? Vamos, conta tudo pro teu pai!

Tônico ria, fazia suspense. Adorava ver o pai assim, estalando de satisfação. Ficava com o sotaque tão carregado nesses instantes que parecia ter deixado o Tejo ainda hoje, no último avião. Tônico contou suas impressões recentes. Os novos colegas, a enorme sala onde trabalhava, o céu imenso no meio da tarde e as lembranças da mãe. Tomou as mãos calosas do pai entre os dedos, estava comovido, falou das esperanças, dos desejos e da alegria de ter conquistado um ótimo lugar. Os dois se abraçaram sentados no sofá. Seu Antônio ria e chorava, assoando o enorme nariz no lenço branco.

- De qualquer maneira, não queria ver você atrás de um balcão!

- Não sei, pai! Às vezes parece besteira. Podia seguir administração, gerenciar seus negócios...

- Que nada! Pra dirigir lanchonete não precisa faculdade. Não tenho estudo nenhum e estou aqui, bem sucedido. Mas você não. Tem estudo. Não é como eu. Pode fazer da sua vida o que bem entender. Não precisa ficar amarrado atrás de um balcão. De qualquer maneira, tudo o que é meu é seu. Dinheiro no bolso é o que conta. Mais tarde, quem sabe, quando eu morrer, você assume os negócios. Mas até lá, muita água vai rolar. Pena que a tua mãe não esteja aqui pra ver-te. Ela ia ficar orgulhosa. Segundo lugar no concurso! O meu garoto é um gênio! - enxugou o outro lado do rosto. Olhou Tônico em silêncio. Depois perguntou:

- E Patrícia? Estiveste com ela?

- Estive agora!

- E o casório? Já marcaram a data? Outro dia ela insinuou alguma coisa para antes do carnaval. O que achas?

- Não sei... vou pensar...

- Sabes de verdade o que eu acho? Que não gostas dela!

- Não sei, às vezes gosto, às vezes não gosto...

- O que eu quero mesmo é vê-lo casado, sossegado. Que me desses netos antes que eu morra. Tenho também medo dessa doença que tem por aí, que na minha época não tinha nada disso não. Patrícia é boa menina. De boa família. Não é rica, mas tem qualidades. E gosta muito de você. O amor vem com o tempo, filho. Quando casei com a tua mãe, gostava dela, é claro. Mas com o passar dos anos acabei gostando mais e mais. Ela era uma mulher extraordinária.

- É, vou pensar. Acho melhor casar logo mesmo. Na minha carreira é bom ser casado...

- Tens razão! É hora de pensar como gente grande.

- Bem, vou dormir, pai. Tô cansado!

- Certo! Dorme bem, filho! Ah... e meus parabéns, garoto!

Eleonora, mais conhecida como Anunciata, preparava uma colcha de retalhos. Emendava em arte antiga os míseros pedaços, qual tataravó no tempo da guerra. Ela sabia, ainda sabia. Não haviam conseguido lhe extrair a alma. Dela e de alguns poucos que se escondiam por entre folhas e flores de plástico, já que o solo e o subsolo haviam sido transformados em fundas

habitações. Num relance d'olhos parecia árido o tempo em que Anunciata vivia sobre a Terra. Um tempo de homens poderosos e poucas mulheres. Apenas ela, seria animal não fosse a colcha de retalhos. Tecia o pano por detrás das lentes de contato. Verdes olhos, coberto o corpo de escamas sólidas que a protegiam das radiações.

Estava só nesse momento por toda a vida. Tinha nascido do amor no ato, por isso era tocada por estranha força que impregnava ao seu redor. Seria bela se houvesse artista a lhe pintar um quadro, mas não em época como essa. Época de guerra, infortúnio e desalento. Rastejava, pois as pernas lhe haviam sido arrancadas pela sua outrora insensatez. Mas nada havia em seu pensamento, hoje imaculado. Não pensava, tão imediato o tempo se tornara. Sem passado, sem futuro, Anunciata existia como fábula ou acaso, como rigor esquecido do destino, como sintonia cósmica para além da história humana.

Sabia ler nas cartas do passado, o futuro daqueles que a procuravam. Portanto, quando Tónico sentou diante dela, esperava que fosse lido. De si própria sabia apenas da colcha de retalhos. Rapidamente havia cortado com uma tesoura fina um pedaço da camisa de Tónico, na altura do coração. Isso era de praxe. Uma espécie de pagamento antecipado, um pedaço de pano arrancado e guardado no fundo do baú ao pé da árvore. Havia um social que nutria as pessoas daquela vila. Temiam Anunciata, que havia sobrevivido a todas as torturas. Mas não era por simples delicadeza que o social ignorava aquele espaço, aquela árvore de plástico fincada no alto da montanha de Íris. Talvez por medo ou por força de uma vontade que extrapolava as fronteiras daquilo que chamavam de normal.

Ela abria com os dentes os enlatados que o social distribuía por toda a província, sugando a seiva impregnada de cal. A cal era importante. Tornava o alimento puro, livre de bactérias. Secava as gentes e alimentava o torpor. Se Anunciata esticasse os olhos para além do vale, veria lá embaixo a província, as pequenas casas, o vilarejo antigo destruído e uma impressão de atividade própria dos dias de trabalho. A aparência era perfeita e nela acreditavam. Anos e anos de pesquisa foram necessários para a reconstrução da nova província. Cientistas do mundo inteiro apareceram e as notícias nos jornais se espalharam ao redor. O homem se sente melhor em pequenas

casas. É necessário fincar algumas árvores de plástico em torno da cidade. Os outros para baixo do solo serão empurrados em arranha-céus invertidos. São os conjuntos habitacionais. Mais difícil foi reinventar a abóbada celeste. Foram aos antigos manuscritos. Alguns com chapéus em cones pontiagudos abriam silenciosamente enormes livros pesados. Recorreram aos antigos planetários abandonados. Apenas a cor real do céu anterior não conseguiram. A camada de ozônio furada dava uma coloração avermelhada que por detrás da nova abóbada sobressaía. E no fim tentaram inventar a chuva. Não para regar a terra, mas para dispersar pequenas multidões como as que podemos ver agora aos pés da montanha onde Anunciata está. Isso ela compreendia. Apesar da memória fraca, este detalhe estava calcado no registro do seu nervo ótico. Numa operação delicada tentaram retirar esse embrião malévolos da sua memória genética. Não conseguiram nada além do esquecimento de sua antiga rotina sem alterar, no entanto, o registro desse principal motivo. Foi então que lhe surgiram anelados caracóis em lugar dos cabelos. Qual grossos arames retorcidos, fiação eletrizada, abertos canais ao exterior. Por isso captava sinais a muitas léguas e podia se comunicar sem palavras com mundos nunca antes conhecidos.

As escamas eram sua salvação em tempos de fogo. É que era comum naquela aldeia a disposição dos ataviados*¹ por meio da água mas também do fogo. Eram alguns erroneamente chamados de mendigos pelo vulgo. Então, nessas noites, pois a noite acontecia na abóbada em espaços regulares, um clarão ameaçava transformar em chama toda a cidade.

Acordou naquela manhã bem disposto. O estranho sonho que havia tido com Anunciata parecia mais uma peça de teatro que ele tivesse assistido. De qualquer maneira, sonho é sonho, não se deve dar muita importância. Saiu pro trabalho no Miúra que o pai havia lhe dado de presente pelo segundo lugar. Era a primeira vez que usava. Devagar, retirou o carro da garagem. Uma suave neblina, final do outono, inundava de preguiça as ruas vazias, talvez cedo demais. Muitos mendigos, crianças abandonadas, não ameaçavam sequer esticar o corpo por debaixo das úmidas cobertas. Passou rente ao meio-fio. Olhava com certo descaso aquele mesmo cenário já tão bem

¹ Segundo o conceito pós-moderno, o mais recente preconcebido, *ataviado* é um termo que serve para designar os extraviados do caminho reto que desemboca na província.

conhecido. Parou o carro no sinal. Sem querer, mas porque a situação acontecia à sua frente, olhou dois homens apressados que se aproximavam de um carro na transversal. Era um assalto. Olhava e sentia nitidamente que não devia se mexer. Que se quisesse ajudar, o melhor que tinha a fazer era calar a boca e sair dali o mais depressa possível. Que nessas horas não era promotor, não era nada. Era apenas uma toupeira que olhava.

Tinha adquirido já algumas verdades que pareciam preciosas em momentos assim. Uma certa definição de classe. Um sentimento de culpa refinado, repleto de charme. Uma consciência intelectual de centro-esquerda. Uma necessidade considerável de aplicar leis. Detalhes que o faziam acreditar na possibilidade de um país melhor, de um povo mais feliz, sem que ele precisasse mover um dedo. De qualquer modo, não tinha um espírito comunitário desenvolvido. Tinha apenas um senso de justiça exagerado. Uma necessidade de não fazer com o outro o que não queria que fizessem com ele. Aliás, o outro só lhe servia de espelho. Por isso, procurava nos olhos dos que passavam a imagem do seu próprio rosto refletida. Na verdade, não enxergava nada que não fosse ele mesmo, tão repleto estava de sua própria beleza, tão confiante estava de sua magnífica inteligência, de sua brilhante esperteza. Por isso, pouco importava se ele era de direita ou de esquerda, já que da vida não conhecia nada.

E enquanto o seu carro saía ao largo da inquietante cena, um outro pensamento mais ameno espocava em sua cabeça. Agora pensava no presente que ia dar pra Patrícia numa espécie de bodas de noivado. Talvez uma pulseira de ouro, igual àquela que a mãe havia perdido no mar. Lembra? Perguntou a si mesmo. Acho que Patrícia ia gostar... Me lembro que nesse dia Tônico passou por mim com o seu Miúra. Sequer me olhou, ao contrário de mim que resolvi atormentá-lo com os meus insistentes risinhos. Olhamos os dois como que enviesado. Ele pro meio-fio onde eu estava, eu pro assento discreto do seu carro, cortado por mim de um só golpe com esta navalha que carrego.

Estacionou o carro perto e quando entrou na repartição, uma foto descansava sobre sua mesa. Nela havia uma mulher que olhava. Lembrou de Ana. Um jantar, quem sabe... Imediatamente Ana veio sentar à sua frente. Alguma coisa em seus traços havia sido apagada pela memória. É tão bonita!,

olhava a cadeira vazia, o corpo delineado, o vestido azul rente ao chão, roçando transparente. Telefonou e marcou um jantar.

III

Tonico esperava por Ana há meia hora. Se não viesse, que droga de situação! Que tipo de mulher era essa que aceitava jantar e depois não vinha. E se vinha, tamanho descaso pela sua companhia, pois se estava terrivelmente atrasada. Droga! Teria que trair Patrícia com uma mulher assim? Nada! Nem mesmo a raiva ou a ansiedade depositavam ao seu lado a figura da mulher que ele avidamente esperava. Resolveu relaxar. Fez o pedido. Aproveitava e jantava sozinho. Pediu também um vinho branco. Merecia comemorar as últimas conquistas. Começou a curtir sua própria companhia. Não era um idiota afinal, sabia se divertir sozinho. Não precisava de mulher pra isso. Tinha pensamentos que o distraiam de si mesmo e que levava horas e horas absorvendo. Eram bons pensamentos, alguns soltos e frouxos voavam para além das paredes que delimitavam o espaço onde seu corpo estava. E lá ia ele pra infância, pro jardim da casa da Penha onde tinha sido criado. Ele e o irmão brincando no chão, pulando amarelinha. Pra onde foi Luiz Jorge? Foi pra uma estrela brincar perto do papai do céu, o pai tinha falado. A mãe jamais falava do irmão. Quando alguém comentava, ela levantava a mão como se dissesse pára! E os olhos imediatamente apareciam lavados de lágrimas. Pobre mãe! Quando Luiz Jorge morreu passou a levar o Tonico todas as noites pro seu próprio quarto, medo grande que ele se fosse também. Por isso ia com ele ao colégio. Não saía mais do seu lado, em todo lugar que ele ia, lá ia ela. Até o pai dizer que ele ia ficar efeminado. Então parou de ir.

Lembrou de Frei Paulo falando de Deus em seu ouvido. Parecia um santo. Olhava o frei e se lembrava do irmão, que se não tivesse morrido teria ficado como ele. Deus agora é o seu melhor amigo! Frei Paulo um dia havia dito. Confia em Teu Deus e Ele te dará o reino. Olhava então o céu e cantava baixinho um pedaço de música sacra. Frei Paulo sentou ao seu lado. Tonico assustado esfregava os olhos admirados e repetia para si mesmo, estou num restaurante, já sou um homem, não sou mais criança e Frei Paulo não está aqui!

- Estou sim, meu filho! O padre respondeu. Aqui estou em carne e osso.

Tonico então chamou o garçom.

- Por favor, me traz um uísque duplo.

- Sim senhor! E o padre, vai querer o quê?

Tonico olhou atônito pro garçom. Frei Paulo continuava sua semi-silenciosa cantoria. Pediu água. Por causa dele Tonico havia sido coroinha. Era o padre que rezava a missa no colégio de freiras. Pensou em ser padre, também por causa dele. Mas desistiu no dia em que percebeu que Deus merecia melhor companhia.

- Bobagem, meu filho! Você era uma criança feliz. O seu único problema é que adorava se esfregar em tudo o que via. Coisas de menino. Deus teria compreendido.

De repente, Ana apareceu na porta do restaurante, justo na hora em que pela porta Frei Paulo saía. Por isso Tonico não sabia se ela era verdade ou fantasia. De qualquer maneira, estava linda. Usava um chapéu branco de Panamá e um vestido leve cheio de florzinha. Era tão difícil ver mulher de chapéu hoje em dia. Havia alguma semelhança entre o momento em que Tonico percebia Ana ali parada e um antigo quadro do século XVIII que ele havia visto em algum museu. De repente Ana se mexe, olha pra ele, abre um sorriso imenso. São perfeitos os dentes.

**Gostou? O resto
você descobre
encomendando
o livro em pdf.**